

Graffite, pichação e stencil: resistências, existências e experiências na paisagem por sujeitos cultural/autônomos em Campos dos Goytacazes

Hélio Passos

Resumo

Na paisagem da cidade identificamos elementos concretos e simbólicos das experiências e vivências de sujeitos autônomos e/ou inseridos em grupos sociais. Os elementos concretos representados pela arquitetura, topônimos, esculturas/bustos marcam as vivências de grupos sociais hegemônicos. Enquanto os elementos simbólicos, esses efêmeros, inseridos na paisagem por sujeitos e/ou grupos sociais marginais nem sempre são percebidos e mesmo quando são percebidos, nem sempre são compreendidos. O foco do trabalho está na análise dos elementos simbólicos impressos na paisagem urbana de Campos dos Goytacazes, elaborados a partir das intervenções dos sujeitos inseridos nos movimentos autônomos entre 2011 e 2016, quando identificamos os *graffitis*, *stencils* e as *tags* sendo gradativamente inseridos na paisagem, dando visibilidade aos seus autores.

Palavra-chave: Graffiti; Pichação; Stencil.

Abstract

In the landscape of the city we identify concrete and symbolic elements of the experiences and experiences of autonomous subjects and/or inserted in social groups. The concrete elements represented by architecture, toponyms, sculptures/busts mark the experiences of hegemonic social groups. While the symbolic elements, these ephemera, inserted in the landscape by marginal subjects and/or social groups are not always perceived and even when they are perceived, are not always understood. The focus of the work is the analysis of the symbolic elements printed in the urban landscape of Campos dos Goytacazes, elaborated from the interventions of the subjects inserted in the autonomous movements between 2011 and 2016, when we identified the graffiti, stencils and tags being gradually inserted in the landscape, giving visibility to its authors.

Keywords: Graffiti; Tags; Stencil.

Introdução

O foco do trabalho está na análise dos elementos simbólicos impressos na paisagem urbana de Campos dos Goytacazes, elaborados a partir das intervenções dos sujeitos inseridos nos movimentos marginais entre 2009 e 2016. Identificamos a partir deste recorte, os *graffitis*, *stencils* e as *tags* sendo gradativamente inseridos na paisagem, dando visibilidade aos seus autores. Os movimentos marginais se dividem em dois grupos: os que reivindicam o incentivo à cultura por parte da gestão municipal e o outro grupo que atua como "fora da lei", decretado pelas autoridades como uma ação de crime contra o patrimônio. Contudo, esses grupos têm

pontos em comum: a) o uso da tinta para expressar suas experiências/existências e resistências no espaço e b) as disputas pelos espaços da cidade com agentes hegemônicos refletindo na paisagem urbana.

O município de Campos dos Goytacazes vem passando por significativas transformações que datam da implementação de projetos econômicos regionais de exploração petrolífera na Bacia de Campos na década de 1970 (PIQUET, 2003) e de forma mais intensa, a partir da promulgação da Lei do Petróleo, quando o município passou a ser beneficiado pelas rendas advindas de royalties e participações especiais da indústria petrolífera (MIRANDA, 2003). Esses grandes projetos são orientados por políticas estaduais e/ou nacionais, em especial aquelas relacionadas às atividades petrolíferas, por instalação de empreendimentos logísticos e por empreendimentos imobiliários e hoteleiros que produzem efeitos na organização interna das cidades. Para além destas influências na mudança das marcas-matrizes (BERQUE, 2012), destacam-se os símbolos das subculturas (COSGROVE, 2012b) e como eles produzem uma organização espacial própria. O graffiti, o stencil e a pichação, embora possuam ideais, hábitos, formas de organização e protesto distintos, produzem suas próprias dinâmicas na construção da paisagem urbana. As imagens serão outro instrumento metodológico da pesquisa, onde se expõem as comunicações desses grupos, que passam despercebidos no cotidiano dos cidadãos. A partir desses pressupostos elaboramos a apresentação da análise de cada movimento e da relação existente entre eles e deles com a paisagem da cidade.

1 A paisagem marca-matriz-autônomos e as lugarizações em Campos dos Goytacazes

Nesta sessão apresentamos a discussão em torno do conceito de *paisagem marca-matriz* (BERQUE, 2012) e *paisagem cultural* (COSGROVE, 2012b) no contexto da geografia cultural e como os grupos sociais e os sujeitos reconhecem e/ou resignificam lugares na cidade a partir dessas práticas pictóricas. As expressões artísticas dão novos sentidos aos lugares dentro dos bairros e esses novos sentidos podem ser analisados pelos graffitis, pichações e stencil. Cada forma de expressão tem significados, sentidos e expressam experiências de vivências com o lugar.

Para analisar esses movimentos autônomos e a relação com o espaço urbano, partimos da categoria analítica Paisagem. Berque (2012) nos mostra o esquema da paisagem marca e matriz para a análise sobre as impressões da cultura de grupos sociais no espaço. Ao mesmo tempo a paisagem é uma materialização no espaço (marca), que expressa um grupo. E uma condição social (matriz) por tomar parte dos planos de intuição, noção e ação. Existem a

partir da afinidade com um grupo que a produz/reproduz empregando coerência. E para um exame antirreducionista, compreende fazer a partir do campo perceptível, deste modo poderemos entender as paisagens marca-matriz-autônomas para explicar a produção da paisagem na perspectiva dos grafittis, stencil e pichações de Campos dos Goytacazes. O que pode ser considerado como paisagem marginal para os grupos hegemônicos, no contexto dos artistas pode ser reconhecida como matriz desses grupos.

Em diálogo com a sugestão das práticas pitoresca marca/matriz. Elas também são simbolismos que expressam disputas dos grupos na paisagem, mediadas por culturas, a dominante e as subculturas (COSGROVE, 2012a). Contudo, os símbolos culturais proclamam múltiplos significados com relação indissociável da cultura e ideologia. Assim a paisagem está associada a consciência que disponibiliza significado ao mundo (COSGROVE, 2012b). Então uma pichação, um stencil ou um grafitti não são apenas uma "sujeira" ou "vandalismo", são também uma linguagem feita por um agente com consciência do que está fazendo, com uma intenção, um ideal ou um protesto. Uma forma de se expressar, ou seja, arte. Essas práticas são interações sociais, por traz das marcas há agentes que as produzem construindo um diálogo no urbano e constituindo a relação sócio-espacial¹.

1.1. Sobre a paisagem: o caso do grafitti e o stencil

O grafitti não é a paisagem urbana, mas sim um anexo de imagens que estão inseridas nela e a visibilidade material e simbólica influenciam na inserção dessas artes no urbano. O grafitti é uma ação de intervenção artística no espaço urbano, formando marcas apinhadas de significados vindo da experiência urbana (TARTAGLIA, 2014), como podemos atribuir a mesmo juízo para o stencil. A visibilidade tem um recurso fundamental para difundir a comunicação, seja ela feita pelos grupos hegemônicos ou pelas camadas mais populares. Como os grafittis, stencil e pichações imprimem uma linguagem inadequada e posicionam-se a margem dos relevantes veículos de comunicação, a vasta visibilidade numa paisagem urbana tem potencial importante para setores sociais populares. Não obstante são instrumentos de denúncia e difusão ideológica (TARTAGLIA, 2014).

¹ Souza (2013) nos mostra a diferença entre *socioespacial* e *sócio-espacial*. Esses conceitos são construídos historicamente e as diferenças iniciam-se na grafia. O *socioespacial* é referente a estrutura espacial, sem cometer referências as relações sociais que se produzem nesta estrutura. Enquanto o *sócio-espacial* refere-se as relações sociais, a sociedade concreta. A inseparabilidade entre espaço e relações sociais.

Os graffiti em sua maioria, na cidade campista concentravam-se no centro. O local em questão encontra-se embaixo do viaduto Leonel Brizola, que recebe diversos eventos autônomos². E vem assumindo novas organizações, expandindo para outros espaços da cidade. Relacionado com a geografia e as interações sócio-espaciais, esse local pode ser entendido como **o lugar**, pois há o aspecto de reunião onde diferentes grupos se relacionam construindo significados e qualidades (RELPH, 2014). E acerca das interações sócio-espaciais, o espaço embaixo da ponte possui uma dimensão cultural/simbólica. Um espaço que é nutrido de significado, é vivido e percebido (SOUZA, 2013).

Essas práticas pitorescas criaram marcas no lugar referido e ao mesmo tempo criou a matriz, pois orienta um indivíduo entender que ali há interações sócio-espaciais desses movimentos. No período de 2009 em diante o graffiti igualmente o stencil passaram a se expandir pelo centro e pelos bairros da cidade, sobretudo espaços abandonados. Como as paisagens são mutáveis e estão em constantes processos de transformações, essas técnicas de pintura vêm re/significando o urbano de Campos dos Goytacazes, construindo o que Souza (2013) denomina de relugarização: esse termo tem analogia com os fenômenos oriundos do território. Enfatiza que os lugares são quase sempre territórios devido as identidades sócio-espaciais uma atribuição de novos significados aos lugares já dotados de significados. São representações na paisagem e atribuição de novas qualidades e uma nova toponímia.

1.2. *Sobre paisagem: pichação paixão inconveniente*

O ato de pichar é uma prática comum no espaço urbano, especialmente nas metrópoles como o graffiti. No caso do Campos dos Goytacazes a prática de pichar (na forma de assinaturas) é recente, datada pela pesquisa a partir do ano de 2010 por meio de dois pichadores³. A pichação vem se expandindo pela cidade, porém com diferenças de expressão,

² O lugar conhecido como "debaixo da ponte" é uma quadra de basquete que é utilizada como pista de skate, mas também como palco de eventos. Recebe alguns eventos sem incentivos do órgão municipal. O "Rima Cabrunco" é um encontro de movimento hip hop organizado pela juventude campista e o "Dia do Rock Goitacá", movimento do rock n' roll. O segundo, consiste em uma luta histórica dos cidadãos campistas, sobretudo do músico Luiz Ribeiro, militante cultural que veio a falecer. O município decretou no dia 06 de maio o Dia Municipal do Rock, porém não vem cumprindo com a lei desde 2013.

³ Ressaltamos que foi feito um recorte de pesquisa a partir de 2010 a 2016 quando percebemos dois agentes: Sak e Apologia, porém não significa que não ocorria antes com outros agentes, mas o que destacamos aqui é a pichação na forma de assinaturas, ou seja, *tags* (com a chegada de novos agentes surgiram mais pichadores, sobretudo no meio universitário devido ao fluxo migratório que intensificou após a interiorização do Ensino Superior e Profissional no Brasil (ARAÚJO, 2013), com destaque para: Drew, Sik, Bac, Aluc Thag). Essa pesquisa está vinculada ao Laboratório de Planejamento, Representações Espaciais e Culturais – CULT, também vinculado a

estética, ideais e utilização dos objetos geográficos. O graffiti e o stencil buscam as paredes e/ou locais abandonados, enquanto as *tags* vão mais além e buscam construções altas e estruturas de pedra, ou seja, estruturas onde sua marca ficará registrada mais tempo (imagem 3). Entretanto, além desta prática se enquadrar nos conceitos já apresentados, são contempladas com a proposta de Cosgrove (2012a) que sugere um estudo das paixões impertinentes, motivações humanas que intervêm no comportamento habitual e exploradas podem ser encontradas expressões de mundo que criam e recriam significados na paisagem que não a reduz a meras impressões. A seguir expomos as ideias desses grupos, seus discursos (e linguagem) e perspectivas a respeito de suas manifestações simbólicas.

2. A produção simbólica da paisagem urbana e os movimentos autônomos

2.1. Qual o sentido em pintar (ou pichar)?

Começamos com artista Mv, grafiteiro e universitário, mas também se arrisca na cultura da pichação:

Po, então cara, o grafite para mim representa é... a voz dos excluídos, tá ligado? Em forma de imagem, essa a ideia que eu tenho, a minha concepção. Pessoas comuns, não são pessoas nobres, não são pessoas de família rica. São pessoas comuns, de periferias, de classe média que estão na rua querendo se expressar e se comunicar através dos muros. Que é um objeto na cidade que nós (sociedade) inventamos, com esse sistema novo. Diferentes dos índios, eles vivem na mata e não constroem muros para separar as coisas e hoje em dia nós vivemos cercado de muros. Aí eu acho que, quando um cara tá fazendo um grafite é uma forma de questionar o porquê que existe o muro. E usar aquilo para transmitir uma mensagem, um desenho, uma expressão facial, um ideal, um texto, uma pichação também. Para mim o grafite é isso, por isso eu me identifico com o graffiti. Faço parte desse movimento por isso. É uma "parada" revolucionária (MV, 2014)

Em conversa com um grupo de grafiteiras, chamado Teta à toa crew. São uma união entre cidadãs campistas (mas também universitárias), os relatos a seguir são de duas componentes do clã, Dia e Ceci:

Pesquisa "Política, tecnologia e interação social na educação", financiada pelo Programa Observatório da Educação – OBEDUC/CAPES (2013-2015).

Poxa, o graffite para mim, eu acho que é ampliar mesmo sabe... ampliar o olhar do outro sobre o que você faz, porque muitas vezes você pinta alguma coisa em casa, faz um rabisco e aquilo não chega no outro. Então eu acho que o graffite é uma forma de estar na cidade e não tem como ser ignorado. O graffite é como se fosse uma mudança temporal mesmo sabe? O cara está lá na cidade, dentro do carro, daí ele vai olhar para o graffite e o tempo dele vai mudar, pois ele vai parar para o que está acontecendo e vai olhar para o graffite que está na parede. Então eu acho que uma ruptura mesmo, nesse ritmo louco que a gente vive. Então eu grafito por isso, para interferir no tempo do outro mesmo. Um "pause", para! Olha para isso.

Ceci, nos diz o seguinte a respeito do que a arte urbana representa para ela. Assim como a artista Dia, elas também fazem parte da comunidade acadêmica de Campos dos Goytacazes:

Então, grafitar para mim... a cidade do jeito que ela cresce e da forma como ela se movimenta, essa dinâmica causa rupturas que a Dia falou. Dessas rupturas, surgem as expressões que não são escutadas. São expressões que vem de guetos, são de lugares que não são contemplados com políticas públicas ou pela própria cidade em si, que a própria urbanização excluí. O graffite vem dessa ruptura, o intervir na cidade pela o que a gente vê. Cinza, cinza, cinza e aí a gente pega um muro e transforma em uma arte. Tanto o "pixo", como o graffite tem significados muito importante para o urbano, são símbolos significativos de expressão de agentes sem acesso aos espaços de cultura da cidade (DIA e CECI, 2013).

Alguns grafiteiros estendem a sua relação com o graffite que não se limita apenas em pintar na cidade e vai mais além. Como relata o artista Mr Bod:

O graffite para mim é muita coisa, 80% da minha vida é graffite. É até clichê, mas graffiti é praticamente minha vida. Hoje eu vivo do graffiti, eu acordo estou pensando em graffiti, tropeço em uma lata de spray, penso em um desenho, uma ideia. Trabalho com graffite dando aulas, pinturas em telas aprendi pelo graffite. Graffiti também é amizade, para mim é algo muito amplo que vai além de um desenho na rua, de um protesto, de expressão artística. Por um tempo eu fiz graffiti e por um tempo o graffite me fez. É algo muito importante para mim, ele me deu autoestima quando criança é a minha melhor forma de me expressar, quando não consigo dizer com palavras, assim eu uso o graffite (MR BOD, 2013).

O artista Jam também contribui para a pesquisa, o artista possui um personagem: o buldogue francês:

Graffiti para mim é um ritmo de vida é o que eu faço hoje em dia. E... po, larguei muitas coisas para poder fazer graffitis. Vivo isso o tempo todo, estudo, pesquisa, estudo artes... então eu levei isso para minha vida e corro atrás disso, fazer na cidade onde eu moro e também levar para outras cidades onde eu vá pintar ou participar de eventos (JAM, 2015).

A técnica do stencil vem sendo difundida pela cidade e o artista precursor relata que o que ele faz, serve para divulgar seus trabalhos e as paredes são seus cadernos de desenhos:

Então mano, pintar para mim representa uma forma de expor meu trabalho. E pintar em Campos dos Goytacazes é ter a possibilidade de pintar sem ter repressão. Uma liberdade maior para desenvolver qualquer tipo de trabalho envolvendo intervenções urbanas (PABLO, 2015).

Kane KS é outro artista da cidade, que pinta a nove anos e também contribuiu para a pesquisa. O artista relata, com semelhanças a outras opiniões vinda de seus amigos, que ao mesmo tempo essa arte constrói e é construída por ele:

Comecei a grafitar a nove anos atrás. Queria mostrar que eu sabia desenhar, aí foi quando eu conheci o graffiti, porque eu podia passar os meus desenhos para a parede. Daí eu fui começando a conhecer mais a fundo o que é o graffiti e que fazia parte do movimento hip hop. Não somente um elemento, mas um movimento de mensagem de agressão, guerra e paz. O graffiti traz tudo isso aí e emoções também. Graffiti para mim é minha forma de vida, o que me compõe. Se não fosse o graffiti eu não teria caráter, estilo de vida, uma forma de pensar. Eu não sei onde eu estaria se não estivesse grafitando hoje em dia. Hoje eu sou arte/educador, pretendo me tornar um professor licenciado, através da arte e poder dar aula para mais pessoas, os mais jovens. Mostrar para eles o real graffiti, mostrando como ele é feito (KANE KS, 2016).

Adiante, o relato do artista Gouk. Não diferente dos outros ele comenta a significância que o graffite tem na sua vida:

Então cara, hoje o graffiti se tornou indispensável na minha vida ne cara. Não tem para onde fugir, um estilo de vida que eu adotei, que eu quis seguir na minha vida. Eu sempre tive muita influência por já gostar de desenhar e em 2008 foi apresentado a mim as técnicas do graffite em uma oficina. Também

já fui do meio da pichação, porém optei em seguir somente no graffiti. No ano de 2014 eu voltei a ativa "jogando nome", fazendo o meu trabalho e é isso cara. Significa tudo para mim (GOUK, 2016).

Em relação aos pichadores, a partir do diálogo com alguns integrantes foi percebido que a maioria cursa uma graduação no município. Os artistas: Sik, Drew, Bac são universitários.

Bom, resumidamente pichar para mim representa: estar vivo. É a minha forma de se manifestar contra todo esse sistema que antes de eu nascer já existia. Eu nasci nele e muitas das vezes eu sou obrigado a me adaptar a ele, porém nunca concordar. E essa é uma das formas de manifestação da minha vida como ser humano. Minha forma de dizer que eu fiz porque quis, independente da consequência. A minha forma de pensar é essa: me manter vivo, um verdadeiro ativismo na minha opinião, só que em forma de uma arte não valorizada (SIK, 2016).

Outro entrevistado foi o pichador que assina: Drew. Ele muitas vezes pratica para aliviar as tensões da vida:

Pichar para mim é a forma de dizer que: eu posso. Se eu tenho vida, eu sou capaz, eu que, eu posso. Minha forma de pegar e fazer, de dizer que nada me limita. É minha forma também de oscilar os meus demônios. É sair na madrugada liberar meu alter ego e pichar, uma forma de desabafar as vezes. Eu saio estressado, vou para um "rolê", volto para casa e nem me lembro porque estava "bolado" (DREW, 2016).

Conversei com o pichador Sak. Esse artista foi um dos pioneiros de acordo com a delimitação da pesquisa e atualmente encontra-se "aposentado" da cultura da pichação:

São vários discursos para se comentar pichações. Pichar para mim teve algumas fases ao longo desses vinte anos. Eu comecei a "xarpi" em 1995 pelo fato de "os caras" mais famosos e populares do meu bairro e até mesmo da minha cidade que é o Rio de Janeiro, começarem a expandir e a gente reparar. Você acha aquilo legal e começa a seguir, assim como tantas outras coisas: futebol, tem também o rap, o skate. Os jovens se espelham nisso e começam a fazer. Para mim foi um grandessíssimo "hobby" que pode se comparar a um cara que gosta de futebol. A pichação era um "hobby" que me trazia adrenalina, onde eu extravasava tudo de mal que poderia me atingir. Uma adrenalina louca e boa. Para mim a pichação representa liberdade e vida. Vandalismo, mas emoção e sangue correndo nas veias (SAK, 2012).

Na entrevista com o chamado Bac (baderna atitude e conhecimento) relatou que a pichação é a forma dele estar em contato com adrenalina.

Sempre fui amante da adrenalina. Sempre pratiquei esportes que buscam esse contato. Bodyboard, descer ladeira de longboard, trilhas e a pichação foi uma aventura que acompanhou minha adolescência e hoje estou devagar. Assino BAC que significa baderna, por causa do "vandal", atitude por praticar algo ilegal e está ciente disso e conhecimento por partir de uma ideia (BAC, 2013).

Por fim, conversamos como o pichador Xobai. Um artista cadeirante, relata ele que a prática da pichação não necessariamente precisa ser um artista plástico ou designer, em suas palavras:

"Xarpi" ⁴é minha marca, ta ligado? Meu logotipo, mesmo sem eu ser um designer gráfico ou artista plástico. Foi um logotipo que eu criei e o qual eu consigo me comunicar com "os meus" através dela (a marca), mesmo sem estar presente em corpo físico. Não é só o logotipo e sim a informação que vem por trás dela. Hoje a gente vê muitos "xarpis" com frases, se ligou? Frases combativas e tudo mais. Então para mim é isso, se ligou? É meu logotipo em forma de tag (assinatura). Eu pixo em Campos porque é uma cidade muito cinza, muito corrupta, muito oligárquica, cidade de sobrenomes onde a elite reina, uma cidade que tem várias... como dizer? Onde você vale o que você tem, ta ligado? Então eu acho que nessa cidade aqui, eles têm é que tomar muita tinta. É isso mesmo, uma revolta contra o que a cidade é (XOBAL, 2014).

A intenção é expor as visões de mundo dos agentes que produzem esses fenômenos urbanos examinados na cidade. Os artistas de ambos os grupos ao falarem o que representa suas respectivas intervenções, possuem pontos de semelhanças como a busca de visibilidade. Um grupo ver a intervenção como um estilo de vida que transcende a concepção de um *hobby*. Enquanto o outro grupo foi entendido através dos discursos que pichar é uma intervenção que expressa o alívio, um *hobby* e a afronta.

3. Geografia, imagem e movimentos pendulares

3.1. Exposição de fotos e o estímulo a reflexão

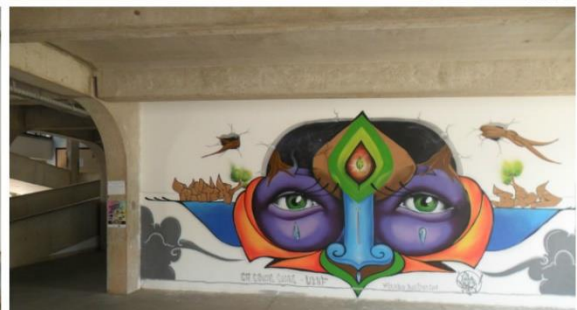
⁴ Os pichadores para se diferenciarem da cultura dominante acabam construindo uma linguagem própria que consiste em inverter a ordem da palavra, isto é, sufixo se torna prefixo e vice-versa. Por exemplo: "leco mosva xarpi jehó? (cole vamos pixar hoje?), jehó vou garpe laquea zequimar (Hoje vou pegar aquela marquise).

A utilização das fotografias ajuda a reduzir o hiato entre o que a visão abarca e o que realmente se quer representar na paisagem, elas são uma ferramenta de estímulo da percepção (GOMES, PARENTE, 2013). As contribuições desta para a Geografia e para a pesquisa sócio-espacial tem um ponto em comum: um conteúdo ligado ao visual e ao representacional que estão intrínsecos no fenômeno. A exposição fotográfica e o que Souza (2013) denomina de invisibilização⁵ norteia percebermos pelos grupos autônomos e suas práticas, as mensagens subliminares proclamadas, tornando a paisagem uma ferramenta de persuasão (SOUZA, 2013). Todas as imagens foram produzidas por Helio Passos do Laboratório de Planejamento, Representações Espaciais e Culturais – CULT.



⁵ Segundo o autor são ilustrações, um dos componentes de grande potencial na pesquisa sócio espacial. Uma estratégia de invisibilização é utilizada por agentes e práticas espaciais na qual o autor divide em duas vertentes: através das representações seletivas da paisagem (com auxílio da fotografia, pintura, filmes, etc). A outra por meio da intervenção do substrato material (as construções da cidade), mediante a uma reformulação da paisagem pela própria realidade. A pesquisa se fundamentou mais pela segunda vertente, onde entendemos que as práticas pictóricas desses grupos marginais não somente estão no campo da representação visual seletiva, pois suas intervenções com a tinta produzem no substrato espacial material novos elementos na paisagem, que podem excluir ou adicionar a outras já expressadas.











3.2 Políticas Públicas em educação: a migração dos "foras da lei"

A cidade de Campos dos Goytacazes se tornou polo político/administrativo da região Norte Fluminense, esse fato causou uma nova organização regional e hierarquizou o município em questão. A cidade também foi alvo das políticas de desenvolvimento regional no governo Lula, políticas nacionais de corte setorial (ARAÚJO, 2013). A cidade tem aumentado os movimentos pendulares por motivos de estudo. Esse município possui maior oferta de ensino em diversos níveis. Em um estudo sobre tal região, mostra que a cidade de Campos dos Goytacazes sempre teve concentração de chances educacionais e nas últimas décadas se acentuou com diversos empreendimentos econômicos (setor petrolífero) e políticas de expansão do ensino técnico e superior. O município campista é definido como uma segunda casa, com aproximadamente 146 mil estudantes matriculados em instituições públicas e privadas. Isso mostra a concentração do ensino neste município e a carência em outros municípios adjacentes (TAVARES, OLIVEIRA, 2015).

Muitos pichadores entrevistados (Drew, Bac e Sik) são de outros municípios, como Macaé, Araruama e Rio de Janeiro, assim como alguns artistas (Ceci, Dia e Pablo), passaram a estudar em uma das instituições públicas após a implementação do REUNI. É nesse passo que entendemos que esses acontecimentos são refletidos na paisagem, seja na construção de um novo prédio, shopping ou universidade, seja em uma nova pichação, stencil ou graffiti.

4. Considerações finais

O que se pretendeu foi trabalhar a percepção, mostrar a diferença entre essas intervenções e relacionar com a Geografia. A proliferação das pichações mostra que a cidade vem recebendo novos agentes. O trabalho também tentou seguir as propostas de Denis Cosgrove que enfatiza que devemos tratar a geografia como uma humanidade e ciência social. Foi o que se pretendeu ao examinar as pichações e durante a investigação percebe-se que essa prática é um hobby/afrota/paixão, assim como ir ao estádio de futebol ou ir à igreja. Com os grafiteiros e o artista de *stencil* foi percebido que além de uma paixão é um meio de sobrevivência, sustento e trabalho. Por fim esse trabalho buscou fazer uma leitura da paisagem não na dimensão do que é visível, se tentou mostrar o que há por trás do visível, o que os agentes que buscam essa visibilidade acham. E assim entende-se que foi uma análise do que é perceptível na paisagem, como nos orienta Augustin Berquer que para fazer pesquisas em

geografia cultural a paisagem deve ser analisada pelo visível e o perceptível no seu esquema marca-matriz.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Tânia de Araújo. “Tendências do desenvolvimento regional recente no Brasil”. In: BRANDÃO, C.A; SIQUEIRA, H. (orgs). *Pacto federativo, integração nacional e desenvolvimento regional*. São Paulo: Perseu Abramo, 2013.

BERQUE, Augustin. “Paisagem-marca, paisagem matriz: elementos da problemática para geografia cultural”. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). *Geografia Cultural: uma antologia*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

COSGROVE, Denis. “Mundos de Significados: geografia cultural e imaginação”. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). *Geografia Cultural: uma antologia*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012a.

COSGROVE, Denis. “A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas”. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). *Geografia Cultural: uma antologia*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012b.

GANZ, Nicholas. *O Mundo do Grafite: arte urbana dos cinco continentes*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 2010.

GOMES, Paulo Cesar da Costa; PARENTE, Letícia. “A produção de imagens para a pesquisa em Geografia”. In: *ESPAÇO E CULTURA*, UERJ, RJ, N. 33, P.27-42, JAN./JUN. DE 2013 <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>. Acesso em: 07 ago 2014.

RELPH, Edward. “Reflexões sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar”. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (orgs). *Qual espaço do lugar?* São Paulo: Perspectiva S.A, 2014.

MIRANDA, Elis de Araújo; TERRA, Denise Cunha Tavares; PAIVA, Claudio Cesar de. *Planejamento, Educação Superior e Cultura nas Cidades do Petróleo no Brasil*. Rio de Janeiro: Relatório de Pesquisa CNPQ, 2003.

PIQUET, Rosélia. “Da cana ao petróleo: uma região em mudança”. In: PIQUET, Rosélia (org). *Petróleo, royalties e região*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Os conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil LTDA, 2013.

TARTAGLIA, Leandro. *Geograffitis: uma leitura geográfica dos graffitis cariocas*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

TAVARES, Jéssica Monteiro da Silva; OLIVEIRA, Elzira Lúcia de. “Movimentos pendulares para fins de estudo no interior do Estado do Rio de Janeiro”. In: _____. *A diversidade da geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação*, 2015, Presidente Prudente, ISSN2175-8875 anais do XI- ENANPEGE, www.enanpege.ggf.br/2015: Presidente Prudente, 2015.